



20º Congresso de Iniciação Científica

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS E A CRIANÇA CEGA: O QUE DIZEM PROFESSORES E ALUNOS SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Autor(es)

LUISA MIRANDA JORGE

Orientador(es)

MARIA INÊS BACELLAR MONTEIRO

Apoio Financeiro

PIBIC/CNPq

1. Introdução

Alguns pesquisadores desenvolveram recentemente estudos que visam problematizar questões do processo de ensino-aprendizagem de crianças cegas e com baixa visão (LAPLANE e BATISTA, 2008; LIRA e SCHLINDWEIN, 2008; REILY, 2008). A publicação, do volume especial, do Caderno CEDES, no ano de 2008 propõe uma reflexão sobre a garantia do acesso à educação que não se restrinja unicamente ao uso do Braille.

A perspectiva histórico-cultural, cujo principal representante é Vigotski, constitui uma base teórica sólida para se refletir sobre os processos de ensino-aprendizagem de pessoas com necessidades especiais. Vigotski (1989) dedicou-se aos estudos da defectologia e em seus textos reflete particularmente sobre a pessoa cega. Assim, esse estudo se fundamenta nas proposições elaboradas pelo autor referentes ao processo de desenvolvimento.

Vigotski (1989) diz que o desenvolvimento dos estudos sobre cegueira variou ao longo do tempo entre trajetórias obscuras até o desenrolar de ideias com ganhos significativos. Quando trata especificamente do estudo de pessoas cegas, destaca a importância do social para a compensação da falta de visão.

As reflexões elaboradas por Vigotski (1989) nos permitem compreender que o indivíduo só irá aprender se as experiências sociais forem propiciadas de maneira significativa, isto é, se elas fizerem sentido para o sujeito e para os outros de seu grupo social. Os alunos cegos ou videntes precisam das palavras do outro, dos ensinamentos dos outros, da ajuda e do modelo do outro para significar o mundo e para ter acesso ao conhecimento. Os significados vão sendo construídos na interação com as pessoas, por meio da linguagem e de suas mais diversas expressões. É neste sentido que o outro pode intervir de modo a mobilizar os processos compensatórios e o desenvolvimento das funções mentais superiores.

2. Objetivos

Caracterizar as práticas pedagógicas realizadas na escola regular e relacioná-las ao desenvolvimento e aprendizagem de crianças

3. Desenvolvimento

A pesquisa de campo foi desenvolvida em uma escola municipal da cidade de Piracicaba através de entrevistas com professores, com alunos cegos e com baixa visão e observações de situações de ensino-aprendizagem. Como não foi possível realizar as entrevistas nas Escolas Municipais com os alunos, estas foram realizadas em uma instituição que atende crianças cegas e com baixa visão que frequentam o ensino regular.

As entrevistas foram semi-estruturadas e as gravações foram registradas pelo gravador Slide Microphone, modelo RQ-L31 e todas as entrevistas foram transcritas em ortografia regular.

Nesta pesquisa apresentamos entrevistas com dois professores e uma professora auxiliar e as observações realizadas de um aluno com baixa visão do Ensino Fundamental. Todos os nomes apresentados neste relatório são fictícios para preservar a identidade dos sujeitos.

As observações das situações de ensino-aprendizagem foram realizadas com registro em diário de campo e realizadas em quatro dias, além do contexto da sala de aula também foi observado uma aula de Educação Física e o momento do intervalo/recreio.

A criança observada em contexto escolar é Rodolfo cursa o 4º ano desta escola no período matutino, tem 10 anos de idade e possui baixa visão em decorrência de uma doença hereditária.

Foram observados e entrevistados três professores: professora Márcia, professor Pedro de Educação Física e professora Mariana, auxiliar. A professora Márcia e o professor Pedro são formados há 6 anos, respectivamente em Pedagogia e Educação Física. É a primeira vez que esses alunos têm um professor formado em Educação Física ministrando a disciplina. Mariana, a professora auxiliar, é formada no curso Normal Superior há 23 anos e substituta da auxiliar que estava de licença.

A instituição especializada contatada dá apoio para crianças, jovens e adultos que nasceram cegos ou perderam a visão ao longo da vida. A instituição realiza suporte a essas pessoas e suas famílias há 7 anos neste município e região. A instituição só aceita pessoas com deficiência visual exclusiva, baseada em laudo médico.

Nesta instituição são realizadas as atividades de intervenção precoce, apoio pedagógico, psicológico, orientação e mobilidade, informática, Braille, adaptação de recursos, mosaico, tear, pintura (artes), natação (parceria com a prefeitura e terapia ocupacional individual (Atividades de Vida Diária - AVD) e em grupo. Além de passeios, denominados aulas coletivas com o educador físico.

Apresentamos também neste estudo as entrevistas realizadas com 4 sujeitos cegos e 1 sujeito com baixa visão. Os entrevistados cegos e com baixa visão frequentam o ensino regular deste município e de municípios vizinhos. São elas, Beatriz, Carlos, José e Lucas que são cegos e Marcela com baixa visão. As crianças entrevistadas cursam do 4º ao 8º ano, possuem de 7 a 15 anos e frequentam a instituição de 2 a 6 anos.

Este estudo é fundamentado na perspectiva teórico-metodológica histórico-cultural, uma vez que esta permite a compreensão dos processos interpessoais, responsáveis pela formação do sujeito e pelos modos de construção do conhecimento no contexto educativo.

4. Resultado e Discussão

Para Lira e Schlindwein (2008) “há uma tendência cultural da pessoa vidente considerar este indivíduo como limitado, e, conseqüentemente, incapaz ou deficiente”, já para os professores dessa pesquisa o aluno Rodolfo, observado nesta pesquisa e que apresenta baixa visão, era visto como capaz de realizar todas atividades e buscavam formas de que este as realizasse. Os alunos relataram que não realizam no mesmo dia a prova ou tem menos tempo, já que estas chegam atrasadas. Um dos alunos também relatou que em alguns momentos realizam atividades diferentes do restante do grupo.

De acordo com Silveira e Fischer (2009) a adaptação de materiais proporcionaria maior participação dos alunos durante as aulas. Nesta pesquisa pode-se constatar que mesmo não tendo realizado as adaptações em todas atividades, a professora esteve atenta às dificuldades do aluno e em propor estratégias que o auxiliassem no momento da resolução das tarefas como a utilização da lupa, da régua e leitura do que seria proposto. Como relatado pelos alunos, alguns professores ainda se atentam em desenvolver estratégias que se adéquem a cada especificidade do aluno.

No que se refere às aulas de Educação Física o professor relata que não precisa realizar nenhuma adaptação, pois acredita que o aluno não necessita das mesmas. Seabra Júnior (2008) ressalta que frente a privação da visão o professor deve estar atento às adaptações necessárias para que seja possível ao aluno desenvolver ao máximo nas aulas de Educação Física. Com exceção de José e Marcela, os outros alunos relataram que não participam com frequência das aulas de Educação Física e realizam atividades paralelas às estas aulas e que na maioria das vezes não estão relacionadas com tais aulas.

As frustrações educacionais ocorrem na maioria das vezes por negligência do sistema ou da escola que não utiliza os recursos adequados ou adaptações necessários que proporcionem efetiva aprendizagem do sujeito em questão (DE VITTA, DE VITTA, MONTEIRO, 2010; LIRA, SCHLINDWEIN, 2008).

Além dos materiais e recursos, outra questão destacada pelos professores foi a falta de um diagnóstico ou laudo que pudesse embasar as atividades e estratégias utilizadas. Ter um diagnóstico parece uma necessidade imprescindível para que o professor possa ter uma boa atuação ou planejar suas atividades. Todavia, na maioria das vezes, o diagnóstico quando realizado é o “diagnóstico médico” que traz pouca contribuição para as ações pedagógicas. Hashiguti (2009) em estudo sobre o discurso médico apropriado pela escola destaca que “(...) a educação construída pelo diagnóstico é aquela na qual saltam aos olhos o ‘erro’ e a ‘deficiência’ ” (HASHIGUTI, 2009, p. 48), ou seja, é dado destaque para as faltas do aluno e não para as possibilidades do seu desenvolvimento e o que já consegue realizar com ajuda.

Vigotski (1991) referindo-se aos processos de desenvolvimento e aprendizagem destaca o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal como fundamental para dirigir as ações do professor no ensino de novos conteúdos. Para ele, é preciso conhecer aquilo que a criança consegue fazer com a ajuda de um adulto ou de alguém mais experiente para poder avançar no conhecimento.

Todos os alunos relatam em entrevista que possuem muitos amigos na escola, assim o ambiente escolar também pode ser visto como local de “interações sociais e amigáveis, bem como entendido de forma heterogênea” (SILVEIRA; FISCHER, 2009, p.17) desde que este seja apresentado de forma acolhedora, já que tais fatores podem influenciar até no processo ensino-aprendizagem. As crianças deficientes visuais também precisam conviver com seus pares e a partir disso podem desenvolver sentimentos e atitudes para se relacionarem melhor com o meio (DE VITTA, DE VITTA, MONTEIRO, 2010; LIRA, SCHLINDWEIN, 2008).

Segundo Vigotski (1991) a experiência social, para servir de impulso na compensação da cegueira ou da baixa visão, deve acontecer de forma significativa, sendo que o outro possui importância fundamental no processo de desenvolvimento e aprendizado do sujeito. A linguagem, ou seja, a palavra do outro irão significar novos conceitos no acesso ao conhecimento. O outro pode intervir ou mobilizar a compensação da deficiência e o desenvolvimento das funções mentais superiores.

Em alguns relatos dos professores foi dado a atribuição das dificuldades e problemas na escola à família do aluno, já que a mãe é pouco participante aos eventos escolares. Já nos relatos dos alunos cegos e com baixa visão os pares e a família são os que primeiro dão algum tipo de auxílio durante o processo de ensino-aprendizagem dessas crianças, sendo que os professores só são procurados em último caso. A tarefa de auxiliá-los durante às aulas são passadas aos colegas, os quais não possuem tal função. São os colegas que ditam, na maioria dos casos, e que até dão algum tipo de apoio quando os alunos cegos ou com baixa visão demonstram dificuldade com as matérias. Por isso, Andrada (2003) em pesquisa sobre a relação estabelecida entre família e escola enfatiza que “não podemos previamente acreditar que alunos são problemas ou que famílias são desajustadas, ou que professores são autoritários. Precisamos ver um ‘quebracabeças’, as partes e o todo!” (ANDRADA, 2003, p. 176). Ela destaca que se devem analisar ambas as partes e se propor estratégias para modificação de tal relação, em que todos fiquem satisfeitos.

Silveira e Fischer (2009) destacam que o sujeito com cegueira ou baixa visão devem e podem ser incluídos “desde que seja visto como capaz diante dos desafios e dificuldades apresentadas.” (SILVEIRA, FISCHER, 2009, p. 18).

5. Considerações Finais

O estudo realizado possibilitou iniciar uma reflexão sobre a educação atual de alunos cegos e com baixa visão e confirmou a afirmação de Vigotski (1989) sobre a importância do outro no processo de compensação para superação das dificuldades encontradas no processo de ensino-aprendizagem. Reafirmamos assim as considerações da perspectiva histórico-social de que a criança cega ou com baixa visão pode por meio das relações sociais e da linguagem superar suas dificuldades, desde que encontre condições concretas nas relações sociais que permitam a superação das mesmas.

Referências Bibliográficas

- ANDRADA, Edla Grisard Caldeira de. Família, escola e a dificuldade de aprendizagem: intervindo sistemicamente. **Psicol. Esc. Educ. (Impr.)**, Campinas, v. 7, n. 2, dez. 2003.
- DE VITTA, Fabiana Cristina Frigieri; DE VITTA, Alberto; MONTEIRO, Alexandra S. R.. Percepção de professores de Educação Infantil sobre a inclusão da criança com deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Marília, v. 16, n. 3, p. 415-428, set./dez., 2010.
- LAPLANE, Adriana Lia Friszman de e BATISTA, Cecília Guarneiri. **Ver, não ver e aprender: a participação de crianças com baixa visão e cegueira na escola**. Cad. CEDES [online]. 2008, vol.28, n.75, pp. 209-227. ISSN 0101-3262.

-
- LIRA, Miriam Cristina Frey de e SCHLINDWEIN, Luciane Maria. **A pessoa cega e a inclusão: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural**. Cad. CEDES [online]. 2008, vol.28, n.75, pp. 171-190. ISSN 0101-3262.
- REILY, Lucia. **Músicos cegos ou cegos músicos: representações de compensação sensorial na história da arte**. Cad. CEDES [online]. 2008, vol.28, n.75, pp. 245-266. ISSN 0101-3262.
- SEABRA JUNIOR, Manoel Osmar. Estratégias de ensino e recursos pedagógicos para o ensino do aluno com deficiência visual na atividade física adaptada. In: 31ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Caxambu, 2008.
- SILVEIRA, Tatiana dos Santos da; FISCHER, Julianne. “Ela fica ali na sala de aula, os alunos fazem, ela ganha folha pra desenhar”: Inclusão escolar de educandos cegos em artes visuais. In: 32ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Caxambu, 2009.
- VYGOTSKY, Lev. Semynovytch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- _____. **A Construção do Pensamento e da Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____. **Fundamentos da Defectologia**. Obras Completas. Tomo 5. Playa, Ciudad de La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.
-